

O ARQUÉTIPO DO LABIRINTO NO MITO DE TESEU: UMA ANÁLISE DO MITOLOGEMA PARA A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE LEITORA¹

THE ARCHETYPE OF THE LABYRINTH IN THE MYTH OF THESEU: AN ANALYSIS OF THE MYTHOLOGEM FOR THE FORMATION OF READER SUBJECTIVITY

Vinícius Ryan de Sousa Montenegro ²
Viviane Moraes de Caldas ³

RESUMO: O mito de Teseu e o confronto contra o Minotauro não apenas evidenciam a jornada arquetípica dos heróis, mas também ressaltam o valor significativo do mitologema do labirinto. Posto isso, o presente trabalho objetiva analisar o labirinto no mito de Teseu, considerando sua relação com a subjetividade leitora. O acervo teórico decorre das contribuições sobre mitologia e mitos de Araújo, Chaves e Ribeiro (2013), Brandão (2015), Campbell (2007) e Eliade (2018; 2019); além disso, destaca-se o referencial teórico referente ao ensino de literatura de Cândido (1999; 2011), Petit (2008) e Rouxel e Langlade (2013). A abordagem utilizada é de natureza qualitativa, com a análise do labirinto no mito e as relações desse arquétipo com a formação da subjetividade dos leitores. Os resultados evidenciam que o labirinto representa o aprofundamento espiritual de cada sujeito, ressignificando a compreensão dos leitores sobre o processo de leitura, processo esse de busca, de peregrinação e de encantamento.

PALAVRAS-CHAVE: arquétipo; labirinto; leitor; mito; Teseu.

ABSTRACT: The myth of Theseus and his confrontation with the Minotaur not only highlights the archetypal journey of heroes but also emphasizes the significant value of the mythological theme of the labyrinth. That said, this paper aims to analyze the labyrinth in the myth of Theseus, considering its relationship with the reader's subjectivity. The theoretical framework draws on contributions on mythology and myths by Araújo, Chaves, and Ribeiro (2013), Brandão (2015), Campbell (2007), and Eliade (2018; 2019). In addition, the theoretical framework referring to the teaching of literature by Cândido (1999; 2011), Petit (2008), and Rouxel and Langlade (2013) is highlighted. The approach used is qualitative in nature, with an analysis of the labyrinth

¹ Agradecemos o apoio da FAPESQ por fomentar o desenvolvimento desta pesquisa. Termo nº 331/2025.

² Mestrando em Linguagem e Ensino (UFCG). Universidade Federal de Campina Grande. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2437-8609> Email: viniciusryaan@gmail.com

³ Doutorado em Letras (UFPB). Universidade Federal de Campina Grande. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8898-2568> Email: viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

in myth and the relationship of this archetype with the formation of readers' subjectivity. The results show that the labyrinth represents the spiritual deepening of each subject, reframing readers' understanding of the reading process, which is a process of search, pilgrimage, and enchantment.

KEYWORDS: archetype; labyrinth; reader; myth; Theseus.



10.23925/2176-4174.34.2025e72672

Recebido em: 23/07/25.

Aprovado em: 03/08/25.

Publicado em: 05/08/25.

Introdução

O acervo cultural da mitologia greco-romana nos apresenta a uma infinidade de mitos e personagens lendários que, rompendo as barreiras do tempo, permanecem presentes nas mais variadas mídias modernas. Essas narrativas lendárias não são originadas ao acaso, tampouco falam de mentiras. Na realidade, os mitos revelam aquilo que ocorreu no tempo primordial, quando deuses e heróis participaram da fundação de comportamentos ou de realidades, ou seja, o mito revela verdades sobre a criação do mundo (Eliade, 2018, p. 84). No entanto, cremos que, mais relevante do que verdades inalienáveis, é a possibilidade dos mitos de proporcionarem diferentes cosmovisões sobre a relação entre a humanidade e o mundo, perspectiva enriquecedora no ensino literário.

Tratando-se de narrativas associadas a diferentes planos culturais, bem como norteadoras da conduta e da moralidade, fica evidente a persistência, nessas histórias, de imagens históricas que se propagam universalmente, isto é, os arquétipos (Jung, 2015, p. 26). É justamente considerando a diversidade dos mitos que um arquétipo em particular se destaca: o labirinto. A arquitetura lendária construída por Dédalo ultrapassa os limites físicos da prisão do monstruoso Minotauro, afinal, tendo em vista seu potencial significativo, os corredores intrincados dessa prisão arquetípica funcionam como vias norteadoras para o processo de desenvolvimento próprio, fato amparado na religiosidade da Deusa Mãe, como se verá adiante



Sendo assim, este artigo objetiva analisar o mitogema do labirinto no mito de Teseu considerando sua relação com a subjetividade leitora. Nesse caso, reconhecemos a natureza arquetípica do labirinto por se tratar de uma imagem universal de teor coletivo que, ultrapassando barreiras socioculturais, alcança diferentes planos do conhecimento, inclusive a leitura. Logo, no contexto de fruição literária, é válido analisar a pertinência do labirinto no mito heroico, porque, além de incitar a imaginação leitora, viabiliza nossas reflexões enquanto educadores a respeito do valor humanizador da literatura (Candido, 2012), fator essencial hodiernamente quando se tanto questiona a importância e o lugar dos estudos literários.

Discutiremos, inicialmente, sobre o valor simbólico do mito de Teseu e do labirinto, de forma que se elucide o potencial significativo desses arquétipos; em seguida, os pressupostos da Estética da Recepção serão comentados para compreendermos como se fundamenta a relação leitor-texto. Além disso, o arquétipo do labirinto será analisado como eixo norteador para evidenciar o processo de desenvolvimento da subjetividade leitora em contato com o mito de Teseu, o que pressupõe uma condição labiríntica dos leitores, isto é, uma atitude de liberdade e de peregrinação pelo texto.

1. Os arquétipos do herói e do labirinto: mitos e subjetividade leitora

De antemão, é válido mencionar que, a partir do momento em que associamos o herói e o labirinto como imagens significativas no plano educativo, tal conclusão não se justifica pelo fato de as considerarmos imutáveis, dado que existem particularidades culturais que, em graus variados, podem transformá-las ou adequá-las a diferentes realidades. Todavia, permanecem sendo arquétipos, são imagens relativas ao inconsciente coletivo (Jung, 2015), por isso, são reconhecíveis nos mitos, nas obras literárias, nos filmes e nas mais diversas manifestações culturais.

Tendo isso em vista, destacamos que o elo estabelecido entre esses arquétipos e a fruição literária revela nossa postura em relação a uma forma de educação que incentive a subjetividade do leitor como forma de construção de si mesmo (Jouve, 2013, p. 61). Jouve (2013) ressalta, ainda, o potencial educativo da área transicional entre os saberes do leitor e o imaginário do texto, pois este questiona aquele sobre seus valores/interpretações. Trata-se de um movimento dinâmico e processual com a leitura. A essa postura, na qual o leitor *peregrina* pelo texto literário, desfrutando do



mundo fantástico e se questionando sobre seus sentidos, bem como construindo os significados possíveis com o auxílio do(a) mediador(a), chamaremos de *condição labiríntica*. Tal expressão nos auxilia para enxergar a literatura como exercício de liberdade e de subjetividade, em outras palavras, como uma experiência que não se baseia simplesmente em transmissão de saberes formais.

1.1 Teseu, o herói mítico ateniense

Teseu é conhecido como um herói⁴ civilizador, fato justificado não somente pelos seus feitos lendários enquanto guerreiro, mas, acima de tudo, por unir a Ática e proporcionar uma nova era de paz para o povo de Atenas, considerando tanto o desenvolvimento da democracia quanto a criação dos jogos Ístmicos, competições esportivas em homenagem a Poseidon. No plano geral, ele é o herói mais importante do mundo ateniense, bem como o protagonista de um dos conflitos mais emblemáticos da mitologia grega.

Para entender a vida de Teseu, é imprescindível recapitular a jornada arquetípica proposta por Campbell (2007, p. 28) quando afirma que: “o herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”. Na compreensão de Campbell, o herói é uma entidade presente nas diversas narrativas que compõem a experiência humana. Mais do que um arquétipo⁵, o herói representa o ser capaz de trazer benefícios para a sociedade; no entanto, para se consagrar como essa força hercúlea, antes deve superar a aventura padrão concebida por Campbell (2007) como *monomito*, cujas etapas podem ser resumidas da seguinte forma: o herói deixa o mundo comum, recebe auxílios diversos, enfrenta perigos sequenciais, vivencia uma experiência de renascimento e alcança determinado elixir, o que o torna capaz de afetar positivamente seus semelhantes.

Teseu, sendo filho divino de Poseidon, o deus dos mares, e filho mortal de Egeu, rei de Atenas, apresenta, portanto, uma dupla paternidade. Seus primeiros anos de vida são marcados por rigorosos treinamentos físicos e mentais que culminam na

⁴No contexto religioso do mundo arcaico, Vernant (2006, p. 47) esclarece que os heróis pertencem a um passado longínquo em que os homens eram maiores, mais fortes e mais belos, por isso, constituem um fragmento da história lendária das cidades e das comunidades gregas. O culto a esses personagens, nessa linha de raciocínio, está atrelado a territórios precisos, funcionando como símbolos de proteção e de celebração dos feitos heroicos.

⁵Nesse caso, assumimos a noção de arquétipo proposta por Jung (2015, p. 26, grifo do autor): “[...] trata-se de uma imagem totalmente coletiva, cuja existência étnica há muito é conhecida. Trata-se de uma imagem histórica que se propagou universalmente [...] Não se trata de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados”.



primeira prova iniciática: recuperar a espada e as sandálias de Egeu localizadas debaixo de uma pedra. Essa tarefa foi propositalmente articulada por Egeu para testar tanto a força do filho quanto para garantir que um dia o próprio rei de Atenas pudesse reconhecê-lo diante de si. Cumprida a etapa inicial da jornada, Teseu segue caminho até Atenas, enfrentando perigos diversos que, cada qual a seu modo, revelam tanto as capacidades prodigiosas do jovem guerreiro quanto seu destino fabuloso.

Embora possamos analisar diferentes episódios das aventuras de Teseu, a prova iniciática mais famosa de sua jornada heroica se refere ao conflito na ilha de Creta. Reunido com Egeu em Atenas, o herói ateniense descobre sobre o tributo⁶ de sangue imposto pelo rei Minos a Atenas: anualmente, sete rapazes e sete moças deveriam ser enviados para Creta com o intuito de servirem de alimento para o monstruoso Minotauro, metade touro e metade homem, criatura aprisionada em um labirinto construído pelo arquiteto Dédalo, este exilado na ilha por causa do assassinato do sobrinho. Ciente da残酷, Teseu decide encerrar o ciclo de violência e, com a ajuda da filha de Minos, Ariadne, o herói consegue se locomover pelo labirinto — uso do novelo de lã — e matar o Minotauro, feito esse que não apenas permite a libertação do povo ateniense, mas também consagra Teseu efetivamente como uma figura lendária no panteão dos heróis.

Na compreensão de Brandão (2015), é fundamental reconhecer o simbolismo subjacente ao conflito da ilha de Creta:

Dois perigos inerentes a esta situação de natureza psíquica aguardam o herói: deverá enfrentar o monstro (a dominação de Minos, que é seu próprio perigo) e terá, se vitorioso, que encontrar o caminho que o conduza para fora do Labirinto, símbolo, *lato sensu*, do perigo das aberrações inconscientes de todo ser humano e, portanto, igualmente de Teseu (Brandão, 2015, p. 171, grifo do autor).

O pensamento do autor é relevante pelo fato de evidenciar que a jornada heroica não se resume ao plano superficial da aventura, ou seja, simbolicamente, a aventura de Teseu no labirinto é, acima de tudo, uma vitória contra suas próprias angústias ou perversões, simbolizadas pelo Minotauro. Nesse raciocínio, torna-se

⁶O tributo tem origem devido à morte de Androgeu, filho de Minos. Quando Atenas sediava competições esportivas, Egeu e os atenienses ficaram inconformados com o desempenho superior de Androgeu. Com isso, o rei de Atenas, maliciosamente, propôs que o jovem herói enfrentasse o touro de Maratona, mesmo sabendo da dificuldade da referida tarefa, o que resultou na morte do jovem. Após saber do ocorrido, Minos, em conjunto com o exército cretense, atacou e subjugou Atenas, cuja punição, posteriormente, resultou no tributo de sangue.



proveitoso, mais uma vez, conceber a vitória do herói como um feito que repercute na vida de outros sujeitos, dado que seu potencial emancipador dialoga com o próprio espírito humano, o que justifica sua caracterização como arquétipo.

Evidentemente tal postura implica no reconhecimento do heroísmo como traço que ultrapassa os limites do mundo mítico, afinal, o mundo contemporâneo há tempos vive um processo de dessacralização do cosmos (Eliade, 2019, p. 20). Isso significa que, embora a capacidade de criar símbolos e modelos de conduta não tenha se extinguido — fato visível nas festividades anuais e nos ritos litúrgicos —, nossa existência atual muito difere do modelo erigido pelas sociedades antigas, as quais o mito espelhava as vivências em comunidade. Porém, o herói permanece atual enquanto *Leitmotiv* da força humana. A compreensão de Campbell (2007, p. 376) sobre o heroísmo na atualidade esclarece essa percepção, pois todo aquele disposto a atender ao chamado do mundo e peregrinar em busca do próprio desenvolvimento estará, invariavelmente, trilhando e replicando o eterno modelo paradigmático dos heróis.

1.2 O labirinto, a Deusa Mãe e o caráter iniciático da educação

Quando analisamos a sacralidade do mundo segundo a ótica das sociedades antigas, o tempo não se manifesta de forma cronológica. Na verdade, preza-se pelo constante renascimento da realidade com o retorno ao chamado tempo mítico, *in illo tempore* (Eliade, 2019, p. 15). Esse espaço sagrado é revelado com o auxílio das práticas ritualísticas e dos mitos, estes de fundamental importância porque “[...] o mito é solidário da ontologia: só fala das *realidades*, do que aconteceu *realmente*, do que se manifestou plenamente” (Eliade, 2018, p. 85, grifos do autor). Isto significa que falar de mitologia implica no reconhecimento das narrativas mitológicas como caminhos para o entendimento das vivências humanas, uma vez que elas espelham nossos comportamentos em histórias repletas de personagens mitológicos, por intermédio das temáticas do amor, da guerra, da vingança, do desejo, entre outras.

Analisando a recorrência do pensamento mítico, tanto nas histórias antigas quanto na contemporaneidade, o arquétipo do labirinto se mostra como uma imagem ancestral riquíssima para a compreensão da identidade humana. Partindo do mito de Teseu, no qual o labirinto é lar do monstruoso Minotauro, seus sinuosos e intrincados corredores exigem extrema cautela por parte de todo aquele determinado a desbravar seus segredos, devido à facilidade com que esse espaço sagrado desnorteia suas



vítimas. A periculosidade do espaço se justifica pelos corredores infindáveis, pela escuridão e pelos mistérios que tal estrutura comporta, o que confunde as vítimas do labirinto, fazendo-as vagar por um tempo indeterminado.

Contudo, não basta mencionar as singularidades do labirinto sem considerar sua dimensão sagrada, relacionada ao teor rochoso dessa estrutura lendária, cuja formação está associada às forças tectônicas, isto é, terrestres. Eliade (2019), por exemplo, estabelece o seguinte paralelo entre o labirinto e a Deusa Mãe⁷:

[...] Mas regressemos à imagem da Terra, representada como o corpo de uma Mãe gigante. Evidentemente, se as galerias das minas e as embocaduras dos rios foram comparadas à vagina da Terra-Mãe, o mesmo simbolismo se aplica a *foniori* às grutas e às cavernas [...] Na pré-História, a caverna, inúmeras vezes comparada a um labirinto ou transformada ritualmente num labirinto, era ao mesmo tempo o teatro das iniciações e o lugar onde se enterrava os mortos. Por sua vez, o labirinto era homologado ao corpo da Terra-Mãe. Penetrar num labirinto ou numa caverna equivalia a um regresso místico à Mãe — objetivo que tanto os ritos de iniciação como os ritos funerários perseguiam (Eliade, 2019, p. 179).

O pensamento supracitado é relevante porque ressalta a sacralidade do espaço do labirinto, fato não apenas justificado pelos ritos iniciáticos realizados nessa estrutura, mas também porque evidencia a força mítica do contato com a Deusa Mãe. Considerando a natureza como o corpo dessa entidade ancestral, o labirinto possibilita o renascimento do sujeito, porque adentrar suas entradas, paralelamente, implica a capacidade de alcançar o centro de poder, em outras palavras, a força maior guardada no âmago dessa construção fantástica. Esse renascimento parte do princípio de que, sendo a Deusa Mãe o modelo arquetípico da gênese, da fertilidade e da natureza, as ações humanas, em plano microcósmico, espelham a força primordial da *Terra Mater*, o que clarifica a percepção de Eliade (2018, p. 120) sobre as práticas iniciáticas que exigem a *morte* e a *ressurreição* a partir do enterro do iniciado numa fossa ou quando é coberto por folhagem, pois, simbolicamente, o neófito é *parido* outra vez pela Deusa Mãe.

Inclusive, é preciso ressaltar que a relação entre o labirinto — ou outras estruturas terrestres — e o aspecto divino da Deusa Mão não se limita ao domínio das

⁷A Deusa Mãe é uma deidade cultuada por diversas mitologias, geralmente presente nas crenças relativas ao trabalho agrícola e à fecundidade. Eliade (2018, p. 117) complementa a caracterização dessa entidade quando a chama de imagem primordial — arquétipo — pela sua presença em todas as partes do mundo, sob inúmeras variantes, conhecida também como *Terra Mater* ou *Tellus Mater*, aquela que dá nascimento a todos os seres.



práticas religiosas. Na verdade, percebemos a força mitológica da *Terra Mater* na própria jornada arquetípica dos heróis. A título de exemplo, Campbell caracteriza uma das etapas do monomito, o *ventre da baleia*, da seguinte forma: “A ideia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia” (Campbell, 2007, p. 91). Isto é, quando o herói adentra regiões perigosas ou desconhecidas, além do mundo comum, ele, simbolicamente, está apto a sofrer uma transformação/renascimento, o que justifica a imagem do útero. Para exemplificar esse fenômeno, basta considerar a provação do labirinto como representativa da mudança ontológica de Teseu⁸, pois o guerreiro ateniense deve vagar por uma região perigosa, ligada ao domínio terrestre, provar sua superioridade física e intelectual para retornar como o salvador dos atenienses.

Campbell ainda fornece considerações cruciais a respeito do caráter pedagógico da Deusa Mãe, porque ela não apenas significa fertilidade e proteção, mas também, ao mesmo tempo, é uma imagem arquetípica relacionada à iniciação da mente, estando presente em todas as etapas da vida, inclusive na morte (Campbell, 2007, p. 115). Esse potencial didático, associado à compreensão de Eliade (2019, p. 23) acerca da impossibilidade de se desvincular mitos das sociedades por causa da condição humana que, invariavelmente, cria modelos exemplares e repete gestos, apenas reforça a pertinência dos arquétipos dos heróis, do labirinto e da Deusa Mãe como guias do desenvolvimento humano. Araújo, Chaves e Ribeiro (2013, pp. 50-51) reforçam isso com o seguinte raciocínio quando relacionam a provação iniciática do neófito à aventura de Teseu no labirinto:

Percebe-se assim que ninguém possa ter a ilusão de sair indemne da provação do labirinto, pelo facto de que a entrada nele, por parte do neófito, comporta já um valor iniciático. O que significa que aquele, nomeadamente Teseu, que atinge o centro do labirinto se transmuta, porquanto a chegada ao centro do labirinto implica uma mudança ontológico-existencial.

A percepção acima elucida a jornada heroica de Teseu como representativa de uma conquista maior, pois vencer o Minotauro e retornar vivo, nos domínios do

⁸No caso, lembremos que a possibilidade de renascimento não está presente apenas na vida de Teseu, porquanto outros heróis/entidades também vivenciam o útero do mundo, por exemplo, Orfeu deve enfrentar os perigos do Submundo para salvar Eurídice, Héracles também se aventura pelos domínios de Hades para capturar Cérbero, os deuses olímpicos, antes de regerem o mundo, foram engolidos pelo titã Cronos, entre outros exemplos.



sagrado, simboliza a aquisição de uma nova forma de ser, o que justifica a chamada mudança ontológica. No entanto, tal transformação não se limita ao tempo mitológico, afinal “Somos *sempre contemporâneos de um mito*, desde o momento em que o recitemos ou imitemos os gestos das personagens míticas” (Eliade, 2019, p. 22, grifo do autor). Nesse raciocínio, a jornada arquétípica do herói através de labirintos, grutas ou estruturas relacionadas ao potencial criador da Deusa Mãe revela, além de modelos exemplares, formas de compreensão sobre a vida, o que torna o potencial didático dos arquétipos significativo até mesmo no plano educativo⁹.

O caráter iniciático da educação, portanto, assemelha-se aos corredores intrincados do labirinto, o que justifica a difícil tarefa dos discentes em relação à compreensão de si mesmos no decorrer do processo de formação identitária. Todavia, tal percurso, apesar de tortuoso, revela a força maior que apenas o confronto com empecilhos — o Minotauro — pode proporcionar. Sendo assim, cremos que recapitular o potencial significativo dos mitos, especialmente do arquétipo do labirinto, torna possível delinear caminhos para o/a discente ressignificar a sacralidade das narrativas mitológicas, que por tanto tempo estiveram aprisionadas em *in illo tempore*.

No contexto de fruição literária, o labirinto reforça a peregrina condição humana em contato com conhecimentos representativos da vida, daí sua similaridade com a natureza e com a Deusa Mãe, pois os/as educandos/as realizam um longo percurso de autoconhecimento e de construção pessoal. Nos limites deste artigo, o arquétipo do labirinto será demonstrado em paralelo com o desenvolvimento da formação leitora, uma vez que os caminhos da ficção exigem o desbravamento de estruturas narrativas por vezes tão desnorteadoras quanto o labirinto mítico de Teseu e, desse modo, sugerem a necessidade de uma figura mediadora.

1.3 A leitura, o leitor e a Estética da Recepção

Quando buscamos informações sobre a educação na Grécia Antiga, sabemos que ela, por muito tempo, baseou seus princípios na tradição¹⁰ erigida pelos mitos,

⁹Araújo, Chaves e Ribeiro (2013, p. 54) pontuam a seguinte noção a respeito da ressignificação dos arquétipos no imaginário educacional: “Por fim, o desiderato de toda a educação, que se pretende iniciática, deveria, seguindo os ensinamentos do labirinto, criar condições para que aprendamos a aprender, e a melhor compreender, a profundidade que somos. Somente a compreensão do sentido de profundidade que a imagem matricial do labirinto comporta nos poderá ajudar a romper com as máscaras sob as quais nos escondemos aos outros e a nós mesmos”. Sendo assim, a educação, a partir do momento em que cria condições para que os/as alunos(as) compreendam a profundidade da existência humana, estará comunicando uma práxis educativa inspirada na provação do labirinto.

¹⁰Essa tradição se baseia nos princípios que caracterizam aquilo que, segundo Gauthier e Tardif (2014, p. 47), remete à tradição oral do ensino, baseada fortemente na atuação dos *aedos*, poetas que cantavam e recitavam



ritos e modelos de virtude. Contudo, com o desenvolvimento das sociedades gregas, cada vez mais descentralizadas e suscetíveis a novos modelos de organização política e intelectual, a educação sofreu transformações significativas, referentes tanto à filosofia emergente quanto à ascensão da escrita. De certa forma, a escrita, considerando os domínios da Grécia, revela que ela “[...] fora “inventada” para fixar os textos e trazê-los assim novamente à memória, na prática, para conservá-los” (Cavallo; Chartier, 1998, p. 10), o que implica a natureza memorialista da leitura, destinada à conservação e à análise dos eruditos, os poucos alfabetizados da época.

Ainda assim, embora possamos identificar uma vertente de leitura plenamente associada à compreensão dos valores transmitidos, resta saber como diferentes comunidades estabeleceram relações com os textos lidos, dado a importância¹¹ desse contato para nosso entendimento sobre a função da literatura.

Com a ascensão da Idade Média, a fragmentação do público leitor se verifica tanto no Oriente quanto no Ocidente latino, e o livro e a leitura se consagram como instrumentos de civilização e de edificação religiosa, com práticas voltadas para a leitura em voz alta — tradição greco-romana — e a leitura silenciosa (Cavallo; Chartier, 1988, pp. 20-21). Percebe-se, graças à expansão das instituições religiosas e dos monastérios, a consagração da leitura meditativa, de forma que o leitor centralize sua relação com Deus e com os ensinamentos litúrgicos como forma de salvação da alma.

O desenrolar do tempo não extinguiu a presença da Igreja no imaginário coletivo, mas instituiu novas experiências de descentramento¹². De fato, o Humanismo, as novas configurações do modelo familiar burguês e a força dos Estados emergentes suscitam novas relações com o texto, não apenas de ordem meditativa ou baseada na leitura silenciosa, mas referentes à produção dos livros e

versos. Nesse caso, antes do surgimento da escrita, os poetas transmitiam a memória coletiva por intermédio da oralidade, modelos de intelecto, de coragem e de virtude a serem repetidos pela comunidade.

¹¹Compreendemos, antes de tudo, como base de entendimento para o ato de leitura, o seguinte apontamento de Cavallo e Chartier (1998, p. 6): “É preciso observar, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Longe de uma abordagem fenomenológica que apaga as modalidades concretas da leitura, considerada como um invariante antropológico, é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler”. Portanto, preza-se pela noção de leitura enquanto atividade que ultrapassa critérios relativos somente à decodificação, na verdade, engloba uma miríade de fatores: particularidades socioculturais, trejeitos, subjetividade, entre outros fatores.

¹²Tais experiências ocorreram também na Grécia Antiga entre os séculos XII e VIII A.C.; entretanto, Gauthier e Tardif (2014, p. 35) mencionam os seguintes acontecimentos, característicos da nova consciência moderna entre XIV e XVIII: as Grandes Navegações, a ruptura da Igreja em Católicos e Protestantes, a criação da imprensa e dos processos de produção de imagem, o Heliocentrismo e a Revolução Francesa. O paralelo feito por Gauthier e Tardif (2014) retrata que nossa sociedade moderna também é fruto de uma série de experiências de descentramento, assim como ocorreu no Período Clássico.



às anotações em cadernos de *lugares-comuns*, onde o estudante transcreve trechos diversos de seu interesse com base nas leituras feitas (Cavallo; Chartier, 1998, p. 33), prática comum para os lettrados e autores de prestígio da época.

Com o desenvolvimento dos estudos literários, novas contribuições e correntes teóricas surgiram para questionar qual seria a importância e o impacto da literatura na sociedade. Em 1967, Hans Robert Jauss, questionando a ótica pela qual os estudos literários¹³ se desenvolveram ao longo do tempo, propõe enxergar o fenômeno literário com base na recepção da obra, de modo que seja possível analisar o papel incumbido ao leitor. Nas palavras de Jauss (1994, n.p.), a literatura “[...] é capaz também de possibilitar uma nova percepção das coisas pré-formando o conteúdo de uma experiência revelado primeiramente sob forma literária”. O pensamento de Jauss se torna revolucionário não apenas pelo enfoque dado ao leitor, mas também por questionar a primazia da história da literatura como simples panteão de autores canônicos. Nesse raciocínio, a literatura possui também uma função social, uma vez que, considerando a construção estético-ficcional de determinada obra, ela possui a capacidade de confrontar o leitor com novas percepções sobre o mundo.

De fato, quando investigamos o imenso potencial significativo da literatura, Iser (1979, p. 108) menciona uma particularidade dos textos fictícios, pois eles não são completamente referenciais, ou seja, diferem da estrutura dos textos expositivos por apresentarem vazios estruturais que permitem diferentes interpretações por parte do leitor. Assim, a linguagem fictícia da literatura amplia sua margem significativa, o que potencializa o contato com as obras literárias por parte daqueles que leem. O protagonismo dos leitores é reforçado por Iser (1979, p. 117) quando o autor menciona a intensa atividade imaginativa produzida ao se confrontar com novos personagens, situações ou ações, que faz os leitores estabelecerem possíveis ligações entre as etapas da história. Trata-se, portanto, de uma prática literária como exercício de liberdade, o qual viabiliza o encanto e a indagação, além de focalizar a relação leitor-texto como experiência construtiva no sentido de permitir descobertas e discussões pertinentes que possam dialogar com as múltiplas vivências dos sujeitos leitores.

¹³A problemática apontada por Jauss, de acordo com Zilberman (2015, p. 16), refere-se à fossilização da História da Literatura, muito afetada pelo teor racionalista do Positivismo. No caso, o autor defende uma Teoria da Literatura que recupere sua historicidade, isto é, a literatura considerada enquanto análise de sua recepção, e não como simples encadeamento de autores canônicos.



É justamente nesse viés que o arquétipo do labirinto se mostra relevante para analisar a força significativa dos textos com o leitor. Os caminhos da ficção, bem como dos mitos, confrontam-nos com personagens fantásticos, acontecimentos maravilhosos e conflitos, à primeira vista, surreais. Porém, exercitar essa peregrinação de descoberta por parte do leitor, similar à jornada do neófito¹⁴, pode estimular a cosmovisão desses sujeitos pelo contato com simbolismos, personagens ou situações que exigem nosso poder significante, daí a importância da literatura e dos mitos pela riqueza significativa inerente à condição fictícia. Uma educação que busque trazer novamente a sacralidade do mundo por intermédio da literatura pode, através de um longo processo, recapitular o interesse dos alunos.

Assumir a perspectiva de encantamento e de desbravamento do texto, portanto, exige nosso entendimento em relação à postura subjetiva do leitor literário. No caso, cremos ser imprescindível considerar as obras literárias como mecanismos desencadeadores da subjetividade humana, fato presente na compreensão de que “[...] o texto vive de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens mentais, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor” (Jouve, 2013, p. 31). Essa consideração nos conduz à reflexão de que a obra literária, tendo em vista sua força catalisadora da subjetividade, tem o potencial para fazer o leitor refletir sobre seus valores, experiências e expectativas durante a leitura.

Esse potencial reflexivo e, consequentemente, didático, justifica-se pelo reconhecimento da capacidade da literatura de libertar o leitor dos dilemas e da *práxis* cotidiana, o que o impele a expandir os horizontes e, por conseguinte, alcançar novos objetivos (Jauss, 1994, n.p.). Obviamente tal percepção não pode ser vista como uma força a priori, ou seja, subjacente à literatura a ponto de bastar o contato com o/a discente para notarmos resultados emancipadores. Na verdade, compreendemos o potencial formativo e de fruição da literatura como um processo a ser construído de forma gradual, cujo papel do educador ressalte o simbolismo incorporado pelo fio de Ariadne

O fio de Ariadne, segundo Joseph Campbell, não deve ser somente encarado como um mero instrumento físico, isto é, um mero rolo de fio enrolado que

¹⁴Neste caso, consideramos que existe um paralelo entre as práticas iniciáticas do neófito que, por intermédio de provas sucessivas, alcança uma nova forma de ser (Eliade, 2019, p. 205), os leitores também adentram os “labirintos” dos textos literários, desfrutam seus segredos e podem, em graus variados, serem humanizados (Candido, 2012). É um exercício de formação identitária e de imaginação, no qual o leitor, exercendo sua liberdade, peregrina pela obra lida, com o potencial auxílio do mediador responsável, isto é, o professor ou a professora (entre outros agentes), que simulam o papel de Ariadne.



Teseu vai desenrolando à medida que penetra no labirinto, e depois o segue de volta, até encontrar a saída, mas também com um compromisso psicológico. Teseu contou com Ariadne para resolver o seu imbróglio, assim como o aluno/discípulo pode contar com as pistas (fio de Ariadne) dadas pelo professor/mestre (Araújo; Chaves; Ribeiro, 2013, p. 55).

Semelhante ao papel crucial de Ariadne na narrativa mitológica de Teseu, os autores postulam a responsabilidade do professor — e de outros agentes¹⁵ — ao conduzir os leitores pelos labirintos oriundos da formação educacional. Tal perspectiva é enriquecedora para a construção de um ensino de literatura que não apenas seja capaz de romper as barreiras erigidas pelo utilitarismo tão presente no atual mundo globalizado, mas que também ressalte experiências subjetivas como verdadeiros caminhos para usufruir o encantamento produzido pelos textos literários.

O intuito da referida postura educativa não é trazer a mitologia greco-romana como única manifestação literária apta a encantar o leitor, tampouco eleger o contato subjetivo como única via para compreender a literatura. Nossa proposta se baseia na tentativa de ressaltar a liberdade do sujeito leitor como via favorável para a valorização de suas experiências subjetivas durante a leitura, isto é, que ele possa reconhecer a “andança” pelos livros como ato legítimo de encantamento e de fruição pelas descobertas, daí o termo *condição labiríntica*, uma vez que, sendo o arquétipo do labirinto manifestação do desconhecido e do renascimento, tratar os leitores como peregrinos que vagam pelos corredores da literatura favorece outra ótica à fruição literária¹⁶.

Logo, é imprescindível fazer alguns questionamentos: que sentimentos podem ser despertados durante a leitura? Como os personagens podem dialogar com as vivências do leitor? Que experiências são corporificadas pela arte das letras? Esses questionamentos não traduzem uma suposta inexatidão da fruição literária; na verdade, mostram que, tal qual Teseu se aventurando no labirinto de Creta, os sujeitos leitores também estão percorrendo os labirintos da vida, onde o Minotauro permanece à espreita como obstáculo a ser superado. Os obstáculos podem ser inúmeros:

¹⁵Isso é o que Petit (2008, pp. 148-149) denomina “história de encontros” da leitura, pois um mediador assume identidades diversas: bibliotecária, amigo, político, assistente social e assim por diante. Além do(a) professor(a), esses mediadores podem estimular a iniciação à literatura pelo incentivo, pela apresentação de obras literárias ou pela gradual apresentação de realidades diversas.

¹⁶Essa nova ótica da fruição literária se baseia na compreensão de Todorov (2009, p.78) a respeito da função do autor, que não impõe teses aos leitores, mas estimula sua liberdade e força imaginativa. Nesse cenário, temos os leitores como sujeitos ativos para a construção da experiência literária, que não legitimam a “verdade” dogmática da diegese, na verdade, buscam associá-la a diferentes sentimentos e percepções sobre o mundo.



experiências traumáticas, relacionamentos conturbados, dificuldades de aprendizagem, entre outros. A literatura é uma das formas de compreender a condição labiríntica porque estimula nossa reflexão sobre novos horizontes e perspectivas. Nesses intrincados corredores de natureza sombria, os leitores vagam ressignificando suas experiências, não de forma imediata, mas auxiliados pelo trabalho lento e processual dos mediadores, estes de identidades diversas.

2. A condição labiríntica do(a) leitor(a) em contato com o mito de Teseu

Em primeiro lugar, é viável apontar que o labirinto enquanto arquétipo para a formação identitária e leitora pode ser considerado, no mito de Teseu, sob dois eixos de análise, ambos complementares: a estrutura da jornada heroica e o episódio da ilha de Creta, este último relacionado de forma explícita ao mitologema. Nesse panorama, cremos no desenvolvimento da subjetividade leitora a partir do momento em que os leitores são imersos no mundo simbólico da literatura, visto que seus corredores exigem um nível de significação que difere da *práxis* cotidiana¹⁷, cujo encanto é potencializado pelo fato de tratarmos de uma narrativa heroica, essencialmente arquetípica¹⁸. Doravante, analisaremos como diferentes etapas da aventura de Teseu permitem a participação ativa e imaginativa do leitor.

De início, a partida de Teseu em direção à cidade de Atenas pode ser destrinchada com base no simbolismo incorporado pela espada e pelas sandálias de Egeu. Tais equipamentos revelam significados múltiplos que não podem ser restritos à função superficial do enredo. Para exemplificar a questão, devemos contextualizar que, na jornada do monomito, o herói inicia suas provações deixando a terra natal, pois responde ao chamado à aventura, o que exige uma postura de desprendimento e coragem. Teseu, ciente da existência de Egeu, supera a primeira provação, isto é, recuperar a espada e as sandálias do pai mortal para, enfim, iniciar a peregrinação

¹⁷Entre as diversas formas de vazios ou interrompimento de sequências do texto literário, que intensificam a participação imaginativa do leitor e distinguem a literatura dos textos do cotidiano, Iser (1979, p. 117) comenta a introdução de novos personagens e ações como catalisadores da “vivacidade” do leitor ao formular reflexões ou sugestões sobre o desenrolar da história.

¹⁸Nos limites deste trabalho, assumimos a natureza arquetípica dos heróis dado a presença dessa imagem ancestral em variadas culturas, bem como por representarem uma tentativa de suprir nossas deficiências psíquicas (Brandão, 2015, p. 18). Esse raciocínio, além dos inúmeros acontecimentos fantásticos que circundam as aventuras desses seres míticos, é relevante porque, no plano da fruição literária, instiga a imaginação dos leitores pela presença de personagens e conflitos característicos de uma grande aventura, logo, as narrativas heroicas são extremamente convidativas para o universo da leitura.



até Atenas, caminho esse povoado por malfeiteiros e bandidos. O aspecto a ser destacado do chamado à aventura é que sua natureza também afeta o leitor que, assim como o herói, também se sente convidado a participar de uma grande aventura, fato esse intensificado com as considerações de Campbell (2007) a respeito do ponto de alternância característico dessa etapa do monomito

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções — assim como em cima e embaixo —, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido [...] (Campbell, 2007, p. 82).

A compreensão de Campbell sobre o início da jornada heroica é esclarecedora porque evidencia a existência do mundo comum e do mundo desconhecido. Nessa linha de raciocínio, o herói ultrapassa desafios sequenciais propostos pelos guardiões do limiar, estes atuando como os primeiros empecilhos enfrentados após a entrada no mundo desconhecido. Por outro lado, não se pode ignorar a presença, considerando as provações do guerreiro ateniense, de uma consciência leitora que, talvez, estando intimamente ligada à história narrada, canalize suas próprias expectativas para a narrativa, o que reforça a compreensão de Langlade (2013, p. 33) acerca da capacidade da obra literária de criar múltiplas obras originais graças às experiências diversas daqueles que leem. Posto isso, a aventura de Teseu é, simultaneamente, uma aventura do leitor, em outras palavras, um convite às provações do monomito, onde gestos de amor, de bravura, de ira e de outras inúmeras particularidades do espírito humano podem ser apresentadas aos leitores.

Após recuperar os objetos deixados por Egeu, Teseu, ao longo da trilha para Trezena, deve superar física e intelectualmente diversos adversários¹⁹, tais como: Perifetes, Sines, Círon, Cárcion e Procrusto. Esses guardiões, portanto, possibilitam o crescimento do herói, bem como prenunciam os perigos vindouros característicos da vida heroica. Teseu não pode utilizar a espada e as sandálias unicamente como

¹⁹Esses adversários são cruciais porque representam as primeiras forças de oposição ao herói, cada qual incorporando diferentes características, a saber: Perifetes era um bandido que utilizava uma clava de bronze para matar suas vítimas; Sines, conhecido como “Verga-Pinhos”, prendia suas vítimas em dois pinheiros envergados, ocasionando suas mortes após liberação das árvores; Círon, um malfeitor que empurrava os transeuntes de um precipício após pedir-lhes para lavar seus pés; Cárcion, lutador extraordinário e provocador; Procrusto, provavelmente o mais icônico, amarrava suas vítimas em uma cama e, a depender de seus tamanhos, cortava ou esticava os membros do corpo.

símbolos para Egeu reconhecê-lo. Na verdade, deve utilizar seus atributos físicos e intelectuais para pavimentar o destino grandioso que o espera e garantir que todos o reconheçam como legítimo herdeiro do trono de Atenas.

Agora, considerando o contexto da fruição literária, o início do mito de Teseu já proporciona um aglomerado de acontecimentos que, a depender da forma como a narrativa mítica é apresentada, podem ser ressignificados pelos leitores. Nesse caso, tal possibilidade não se resume à identificação da moralidade dos atos de Teseu — embora seja uma análise possível —, mas, acima de tudo, significa guiar os leitores pelos conflitos do mito, estimulando a liberdade de análise, de peregrinação e de encanto, características tão próprias da ficção²⁰. De fato, não podemos ignorar a condição labiríntica inerente aos sujeitos leitores, uma vez que, se não elucidamos os caminhos arquetípicos do herói, da mitologia e da ficção como mecanismos de autoconhecimento e de aventura, o resultado, em grande parte das situações, será de pouco engajamento, porquanto a narrativa mítica pode não dialogar com as vivências daqueles que a desfrutam. É justamente por isso que Jouve (2013, p. 58) afirma que a intertextualidade determinante é a do leitor, pois ele realiza a leitura criando conexões entre textos distintos. Tal perspectiva reforça o teor da subjetividade leitora, a qual está presente tanto no plano afetivo quanto no plano intelectual. No sentido prático, determinados textos podem adquirir maior importância para os leitores a partir do momento em que eles, por intermédio da intertextualidade e da subjetividade, estabelecem ligações com suas vivências e percebem, também em certas condições, como a literatura está relacionada com o desenvolvimento da identidade²¹ humana.

Os leitores tecem paralelos entre seu conhecimento de mundo e os acontecimentos do mundo fictício, buscando vias para compreender as intrigas corporificadas na obra literária. Nesse caso, a saída do mundo comum por parte de Teseu e os oponentes que o desafiam até a cidade de Atenas são, em linhas gerais, metáforas características da jornada de autoaperfeiçoamento comum a todo ser

²⁰No caso, tais características estão alinhadas com os pressupostos de Iser (1970, p. 105) acerca da ficção, que não busca imitar a realidade, mas mediar o contato com uma realidade possível, cujos aspectos basílares não podem ser totalmente referenciais. Isso significa dizer que a ficção, naturalmente, tem graus de indeterminação, preenchidas pela consciência leitora.

²¹Para vias de esclarecimento, o desenvolvimento da identidade pela literatura se manifesta na possibilidade de construir a si mesmo com a linguagem (Petit, 2008, p. 71). Petit (2008) fornece uma reflexão crucial, pois, a partir do momento em que concebemos a interação leitor-texto na mitologia, bem como por intermédio de outras gêneros literários, não se trata apenas do contato com personagens diversos ou com situações denominadas “fictícias”. Na verdade, estimula-se a aquisição da linguagem e, consequentemente, fomenta-se a capacidade de nomear aquilo que sentimos, habilidade essencial para superar situações de opressão e para sonhar.



humano. O mediador literário pode fomentar tais discussões e entrelaçá-las com as vivências dos aprendizes a fim de criar, paulatinamente, uma experiência plurissignificativa, cujo eixo norteador englobe a subjetividade leitora.

Reforçamos tal perspectiva porque, semelhante ao herói, o sujeito leitor também pode se transformar, isto é, pode desbravar os possíveis significados dos textos literários não porque essas obras culturais revelam verdades inalienáveis, mas sim porque iluminam a existência humana enquanto tempo de criação e de ressignificação identitária, dando vozes aos nossos sonhos e desejos (Petit, 2008, p. 72). A vida de Teseu é representativa de uma dada realidade sociocultural, marcada profundamente pelo heroísmo, pela guerra e pela busca da glória; todavia, as vivências humanas também refletem similaridades, logo, tal qual Teseu, que provações são iniciadas pelos leitores e permitem a conquista do elixir²²? A escola é um espaço privilegiado para discutir as referidas questões, entretanto, não pode ser o único, afinal, nem toda criança ou adulto tem a oportunidade de frequentar o espaço escolar. O acesso à cultura é um direito reconhecido pelos nossos documentos norteadores do ensino, tais como LDB, a BNCC e o PNE, portanto, exercer a fruição literária e vagar pelos corredores da ficção é, antes de tudo, uma necessidade humana intimamente ligada à capacidade de fabular (Candido, 2011, p. 174), o que, mais uma vez, reforça a relevância do labirinto nessa cosmovisão de experiência literária, pois

Quando alguém entra na escola, ele ou ela começa a aprender sobre diferentes assuntos; as questões da vida se tornam mais claras e, por sua vez, ele ou ela muda e cresce como pessoa. Esse processo é similar a atravessar o labirinto: alguém entra com questionamentos e emerge com respostas e uma nova clareza. O propósito de se aventurar para o labirinto é emergir como uma pessoa mudada com um novo entendimento e percepção sobre a vida. O labirinto representa a jornada que cada pessoa é forçada a fazer (Tessmer, 2015, p. 10).²³

Conquanto estejamos discutindo sobre o impacto do labirinto na formação leitora, a possibilidade de mudança mencionada por Tessmer (2015) ultrapassa as

²²O elixir seria a substância ou objeto obtido pelo herói após vencer desafios sequenciais, funcionando como uma espécie de benção última (Campbell, 2007, p. 169) ou força sustentadora. No mito de Prometeu, por exemplo, essa benção seria o fogo dos deuses. Na experiência literária, podemos classificar o elixir como uma descoberta feliz e particular durante a leitura.

²³ “When one enters a school, they begin to learn about many different topics; the questions in life become clearer, and in turn they change and grow as people. This process is similar to traversing the labyrinth: one enters with questions and emerges with answers and a new clarity. The purpose of journeying into the labyrinth is to emerge a changed person with a new understanding and perception of life. The labyrinth represents the journey every person is forced to make” (Tradução nossa).

barreiras da escola, bem como insinua um caráter iniciático profundamente humano. O propósito de se aventurar pelo labirinto da literatura, tal qual uma grande jornada pessoal, não necessita ser executado de forma solitária, uma vez que diversas são as pessoas que participam dessa história de encontros (Petit, 2008), produzindo momentos indispensáveis no tocante ao exercício da humanidade e da cidadania. Esse entendimento muito se assemelha à compreensão de Freire (1996, p. 21) sobre ser humano, condição não fatalista, mas relativa à vida como tempo de possibilidades. Logo, os leitores podem e devem vivenciar suas experiências leitoras enquanto jornada no sentido de experimentação e processo, cientes das inúmeras identidades que podem cruzar seus caminhos.

Para exemplificar esse fenômeno, basta considerarmos o episódio dos palântidas do mito de Teseu: o ódio do rei Palas, irmão de Egeu, contra Teseu se mostrou especialmente danoso quando aquele, não reconhecendo o estatuto de herói deste, ordenou seu exército a atacar Atenas com o intuito de assumir o trono. Teseu ficou responsável pela defesa da cidade; entretanto, o guerreiro ateniense foi avisado pelo arauto de outra região vizinha, chamado Leo, sobre a real estratégia dos palântidas, o que viabilizou o contra-ataque do herói e sua consequente vitória. Esse conflito essencialmente revela que auxílios externos são necessários até mesmo para heróis, e o egoísmo deve ser combatido com gestos catalisadores de uma humanidade capaz de atuar em conjunto. Teseu demonstra sabedoria e competência, quando consideramos o conflito contra os palântidas, por duas razões: a capacidade de ponderar sobre o conselho de Leo e o instinto de liderança frente aos desafios.

Na fruição literária, o propósito não é eleger leitores intelectualmente superiores, mas pensar no desenvolvimento das potencialidades humanas, potencialidades essas inerentes ao sentimento de alteridade. Determinado indivíduo conquista o título de herói após uma árdua jornada de desenvolvimento, cuja conclusão permite a mudança da sociedade e a chegada de benefícios para a população. Dessa forma, heróis e heroínas, invariavelmente, estão em sintonia com as existências alheias, visto que a vitória heroica deve representar, de modo consequente, a vitória da comunidade.

Em linhas gerais, a identidade leitora é um exercício de aprendizado que, mediada pela ficção, permite-nos alcançar outras formas de existência, outras pessoas. Apesar disso, é imprescindível relembrar sobre o valor educativo da literatura



A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos moralistas e nos educadores, ao mesmo tempo fascinados pela sua força humanizadora e temerosos da sua indiscriminada riqueza (Candido, 2012, p. 84).

Candido (2012) revela que a literatura não pode ser reduzida a um manual de instrução cívica ou moral, tendo em vista que incorpora dentro de sua estrutura simbólica uma infinidade de valores, isto é, luzes e sombras próprias. As narrativas míticas, juntamente com outras obras literárias, humanizam por confrontarem o leitor com tais perspectivas, o que caracteriza sua indiscriminada riqueza. Considerando a fruição literária associada ao contexto didático, o ponto primordial é trabalhar as referidas questões com sabedoria, analisando as necessidades dos leitores e construindo, aos poucos, uma percepção de ensino literário enquanto processo gradual e labiríntico pela inesgotável quantidade de tramas subjacentes à diegese estudada. Tanto no ambiente escolar quanto nas vivências fora da educação formal, torna-se importante compreender a função dos inúmeros mediadores que apresentam a literatura para nós, não de forma prescritiva, mas como forma de experimentação e de descobrimento.

Inclusive, é válido agora abordar o mitologema do labirinto considerando sua centralidade no mito de Teseu. Até o presente momento, estabelecemos a condição labiríntica como uma postura para enxergar a liberdade e o encantamento do leitor durante a leitura que, em alguns casos, possibilita sua transformação e reflexão relativa a diversos valores. Doravante, essa ótica se amplia por causa do ponto de alternância desempenhado pelo conflito na ilha de Creta em relação à vida de Teseu, pois sua vitória culminou na libertação dos atenienses e na consagração definitiva do guerreiro como herói.

De antemão, lembremos da trama: após assumir o trono de Creta, o rei Minos tentou ludibriar Poseidon com o sacrifício de um touro comum, o que irritou o deus dos mares e o fez amaldiçoar Pasífae, esposa de Minos, fazendo-a se apaixonar pelo touro originalmente concedido por Poseidon, de porte majestoso e branco. A relação



extraconjugal originou o Minotauro, também conhecido como touro de Minos. Envergonhado pelo nascimento do monstro, Minos trancafa a criatura em um labirinto construído pelo arquiteto e inventor Dédalo. Paralelamente, a cidade de Atenas havia sido obrigada por Minos a enviar anualmente sete homens e sete mulheres como sacrifício para o monstro, devido a um tributo de sangue, já explicado anteriormente.

Teseu, em face ao sofrimento dos atenienses, decide se voluntariar para matar o monstro. Simbolicamente, devemos nos ater à atitude de Teseu frente aos mistérios e aos segredos do labirinto de Dédalo, porquanto sua vitória essencial consiste na derrota do Minotauro e o subsequente retorno para a luz do dia. De fato, tanto o Minotauro quanto o labirinto se encontram interligados, são provações, portanto, exigem a destreza e a sabedoria do herói, juntamente com o auxílio de Ariadne, o que torna o conflito mais emblemático, afinal

É pois muitíssimo significativo que o monstro acantonado no Labirinto do inconsciente, sendo irmão mítico de Teseu por descendência de Posídon, constitui o perigo essencial para o herói. Como todo herói que combate um monstro, Teseu, ao se defrontar com o Minotauro, luta contra sua própria falta essencial, contra a tentação perversa que o habita secretamente (Brandão, 2015, p. 171).

Ao enfrentar a perversidade de Minos, simbolizada pelo Minotauro, Teseu precisa vagar por corredores sinuosos para, posteriormente, vencer a criatura mítica. Tal provação ultrapassa os limites da batalha física e adentra os domínios da transformação ontológica do sujeito. Teseu retorna vitorioso e digno de assumir o trono de Atenas, embora também cometa certas atitudes que contribuem para a futura queda do herói. Por enquanto, a mudança proporcionada pela derrota do Minotauro deve ser ressaltada, o que torna o ambiente do labirinto particularmente especial.

A sacralidade mencionada por Eliade (2019, p. 179) no tocante ao uso de galerias ou grutas rochosas como espaços ritualísticos evidencia a profunda conexão entre tais ambientes e a figura divina da Mãe Terra, pois espelham seu corpo matriarcal. Nessa linha de raciocínio, Teseu adentra tanto o labirinto quanto a força materna da realidade, o que torna viável seu renascimento enquanto sujeito, visto que o herói vagou pelo útero do mundo, ou seja, o labirinto.

Essa transformação substancial e, ao mesmo tempo, profundamente transcendental, a nosso ver, não pode ser negada aos leitores que, de vozes e origens diversas, comunicam-se com os textos literários para encontrar valores, experiências



e dilemas capazes de ressignificar e confortar suas angústias. Além de qualquer formalidade, persiste a vivacidade dos leitores, muitas vezes ressaltada por intermédio da socialização, quando se revela a interpretação individual — ou partitura — evidenciada pelos sons e gestos (Bajour, 2012, p. 25) dos aprendizes.

O sentimento de coletividade, por sinal, estabelece outra noção crucial às reflexões construídas até o presente momento. Se concebemos a liberdade dos leitores para peregrinar pelos labirintos da ficção, com o auxílio ou não de mediadores, estes atuando similarmente ao novelo de Ariadne, ressaltamos, por outro lado, que tal viagem iniciática não consiste em isolamento. Teseu, após vencer o Minotauro, retorna à luz porque, sendo um herói, deve trazer as boas novas à população. No plano da fruição literária, essa atitude viabiliza a apresentação de diferentes pontos de vista (Bajour, 2012), de forma que o encantamento encontrado pelos leitores nos labirintos da literatura possa afetar e dialogar com múltiplas identidades.

No fim, os caminhos para desfrutar os mitos são variados; contudo, ressaltamos a condição labiríntica, isto é, a possibilidade de peregrinar pelos textos como um exercício de liberdade e de fruição. Teseu espelha, em graus variados, nosso processo de desenvolvimento humano dada sua natureza heroica. O labirinto de Creta, bem como os incontáveis desafios inerentes à jornada dos heróis, alegoriza os caminhos tortuosos da vida e os monstros a serem enfrentados. O objetivo de uma *educação literária* não é somente promover o contato e o conhecimento das obras que moldaram a cultura mundial, na verdade, preza-se essencialmente por meios de tornar a leitura uma prática de encantamento, onde nossa realidade pode ou não ser questionada e ressignificada. Para tal feito, os arquétipos são imagens cruciais, porquanto oferecem modelos exemplares que renovam até mesmo atos aparentemente banais, como a leitura, evidenciando sua força humanizadora (Candido, 2012). O labirinto, juntamente com seus infindáveis corredores, possibilita o renascimento da literatura enquanto espaço para o exercício da identidade, porque permite a jornada e o descobrimento de valores secretos dos leitores.

3. Considerações finais

Durante o desenvolvimento deste artigo, objetivamos analisar o mitogema do labirinto, presente no mito de Teseu, considerando sua relação com a formação leitora. Para tal feito, discorremos sobre o sentido da narrativa de Teseu, de modo a evidenciar o simbolismo do labirinto na jornada do guerreiro ateniense e,



consequentemente, compreender como tal mitologia estaria relacionada ao desenvolvimento da subjetividade leitora.

Percebe-se, em linhas gerais, que o mitologema do labirinto possui nítidas conexões com a sacralidade da Mãe Terra, funcionando, por isso, como espaço ideal para a realização de ritos de passagem. Além disso, destacamos a capacidade de renascimento da arquitetura labiríntica, visto que sua ligação com a terra, no plano simbólico, ressalta a possibilidade de mudança ontológica do sujeito, afetando tanto o neófito quanto o herói. A referida relação também repercute na vida dos leitores, afinal, sendo o herói um arquétipo cuja potencialidade é moldada por intermédio do monomito, sua vitória espelha o desenvolvimento de todo aquele disposto a traçar o caminho do autoconhecimento, isto é, pessoas de nomes e vozes diversas que também buscam a conquista da maturidade.

Com isso, o labirinto é uma realidade presente tanto na narrativa heroica quanto na vida dos leitores. Esse arquétipo, no mito de Teseu, não se restringe ao episódio da ilha de Creta, mas, em última análise, sugere uma postura existencial e educativa em relação aos empecilhos e vias para se aperfeiçoar enquanto ser humano. No caso dos leitores, a condição labiríntica reflete a ótica utilizada para encarar a literatura como uma experiência corporificada em palavras, fato capaz de fazê-los questionar as experiências da arte e da ficção como ferramentas para o entendimento da vida, o que reforça a necessidade de vivenciar as leituras enquanto processo de encantamento. Nesse cenário, os mediadores auxiliam a fruição, questionando os leitores acerca das vivências, impressões e saberes subjetivos em contato com os textos.

O labirinto, mais do que uma construção sinuosa, exige a compreensão da realidade como processo contínuo de crescimento. Teseu vaga pela prisão do Minotauro em busca da vitória, feito seguido de seu retorno ao mundo comum e à luz. Não se trata de um embate mitológico pelo caráter fantasioso da história, mas sim porque espelha vias para a compreensão da humanidade. Desse modo, os mitos e a literatura como um todo podem funcionar como ferramentas para combater o pragmatismo tão característico de uma didática puramente formal e classificatória.

Referências bibliográficas



ARAÚJO, Alberto Filipe; CHAVES, Iduína Mont'Alverne; RIBEIRO, José Augusto. O tema da iniciação no mito de Teseu: um olhar a partir do imaginário educacional. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2209>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BAJAOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. III. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: ___. (org.). **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 169-191.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, São Paulo, 2012, p. 81-90. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 3 mar. 2025.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.



ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. IN: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. Disponível em: <https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2025.

JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

TESSMER, Nicole (2015) "Myth, Ritual, and the Labyrinth of King Minos," Armstrong Undergraduate Journal of History: Vol. 5: Iss. 1, Article 1. DOI: 10.20429/aujh.2015.050101 Available at: <https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/aujh/vol5/iss1/1>. Acesso em: 6 mar. 2025

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.



ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** 3. ed. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.

